

Afinal, para que
serve um relatório
institucional?
Quem lê?



Essas perguntas acompanharam toda a produção do conjunto de palavras, ilustrações e imagens aqui reunido. Parece que em nome da transparência e da necessidade das organizações sociais de prestarem contas, a publicação de relatório sempre foi uma saída tradicional e inquestionável. E geralmente um peso para quem tem a missão de produzi-lo: é preciso cobrar dados financeiros, estatísticas e novidades dos programas que foram realizados no período, gerenciar muitas vezes com sufoco os poucos recursos financeiros para que o material possa ser diagramado e impresso etc. Em organizações de pequeno porte, com um time enxuto de profissionais e excesso de atividades, conseguir tempo disponível para uma dedicação efetiva ao relatório é um grande desafio. Diante desse cenário, um relatório parece mais um obstáculo penoso a ser enfrentado do que uma oportunidade de troca e aprendizagem. Mas será que realmente precisa ser assim? Ainda vale a pena tanto esforço de produção? Quem realmente se interessa por um relatório de atividades institucionais?

De tão inquietantes, resolvi convidar outras pessoas a refletirem essas questões comigo. A primeira delas é a responsável pela comunicação do FICAS, organização

com atuação similar ao Instituto Fonte. Soube, então, que em 18 anos de existência, o FICAS nunca havia sequer publicado um relatório! Certamente prestou contas de outras inúmeras formas, mas nunca investiu energia e dinheiro nesse formato relatório. Que surpresa! Juntas, perguntamos o que estaria acontecendo em outras organizações da sociedade civil? Daí surgiu a ideia de promovermos um debate com outros comunicadores e interessados. O Espiral de Conversa com o tema **“Transparência no campo social: um relatório de atividades pode ser realmente um aliado nos dias atuais?”** aconteceu em março de 2015, com um entusiasmado grupo de quase 50 pessoas! Durante essa tarde, muitos relatos de organizações que estão experimentando formatos virtuais (como hot sites, PDF navegáveis com links para internet) ou vídeos na tentativa de comunicarem-se melhor com seus públicos. Muitas descreveram estratégias de disseminação, como a fragmentação do conteúdo do relatório em diversas postagens nas mídias sociais, dando a oportunidade para que cada assunto vire um foco de debate. O que mais queria investigar, porém, era como os profissionais responsáveis pela produção do relatório estavam envolvendo as pessoas na sua produção e em que medida ela acontecia de forma leve, criativa e colaborativa. O debate mostrou que muito está sendo feito! Desde encontros de imersão com a equipe para avaliar como foi o ano (e desse encontro resgatar o conteúdo a ser relatado) até trocas cotidianas



entre quem está atuando no campo com o pessoal da comunicação. “A cada oficina, recebo fotos e um depoimento marcante do que foi o evento. Isso acontece durante todo o ano, assim evitamos concentrar em apenas um período a coleta de dados”, contou um dos participantes, ressaltando que o envolvimento da equipe com a disseminação de dados passou a ser constante. [Saiba mais sobre o Espiral de Conversa.](#)

A experiência com este relatório mostrou que o processo de construção colaborativa entre os colegas do Instituto Fonte permitiu a troca entre as pessoas e, a partir dela, o surgimento dos relatos. O processo acabou sendo bem mais demorado (do que teria sido se tivéssemos delegado toda a produção a uma única pessoa), mas foi o que o tornou muito significativo. Foi necessário entender o relatório como um momento de pausa, de avaliação oportuna, de olhar para o que foi feito de forma generosa a fim de colher os aprendizados.

Acredito que esse relatório contribui para zelar pela nossa memória institucional. Com a impermanência da vida e vinda de pessoas e das escolhas que vamos fazendo pelo caminho, o relatório pode ser uma ferramenta de lastro dos caminhos percorridos. Dessa forma, o conhecimento é transferido do indivíduo para a memória da organização, capaz de coletivamente

perdurar no tempo. Um próximo passo será ouvir os nossos públicos externos para identificar quem realmente lê e se beneficia com nossas histórias e aprendizagens.

Neste relatório você encontrará a comunidade do Instituto Fonte se exercitando como autora de textos que falam não só das atividades em si, mas dos percalços e alegrias vivenciados nos processos. O primeiro deles reúne a experiência da Diretoria Colegiada em ousar fazer uma gestão descentralizada, incentivando a liberdade dos consultores empreenderem suas iniciativas no mundo. Nem tudo saiu como o desejado inicialmente, como você poderá ler. Há também o balanço das aprendizagens de nossos programas de formação, eventos de aprendizagem e trabalhos na consultoria, dentre outros temas.

É nesse movimento de olhar para as luzes e sombras dos processos vividos que reside a riqueza do trabalho do Instituto Fonte, revelada por meio desse relatório, mas também passível de ser reconhecida em cada encontro com o cliente (nas consultorias) e no acolhimento de quem participa de nossos programas de formação e oficinas. *Com atenção e intimidade, procuramos respeitar e zelar pelas fases de desenvolvimento das organizações e de indivíduos. Somos parte intrínseca desses processos e aprendemos muito com todos eles.* Desejamos que nossas aprendizagens possam inspirar as suas, ao refletir sobre sua própria maneira de estar e atuar no mundo.

“Desenvolvimento ou maturação implica um desenrolar-se no tempo e este desenrolar sempre ocorre no que pode se denominar mover-se adiante. Isto revela uma característica distinta do desenvolvimento: ele é irreversível”. Allan Kaplan em O Manual do profissional de desenvolvimento

Em nome de toda a nossa equipe, desejo uma ótima leitura!
Carline Piva, gestora de Comunicação do Instituto Fonte